

De Aurélio Agostinho a Santo Agostinho de Hipona

Marcos Roberto Pirateli

Licenciado em História, Av. Euclides da Cunha, 1447, Zona 05, 87015-180, Maringá, Paraná, Brasil.
e-mail: marcos.pirateli@bol.com.br

*Augustine knew temptation/ He loved women, wine and song/
And all the special pleasures/ Of doing something wrong/
I said yeah, I said yeah/ I said yeah... or yes, or yes/
You'll never make a saint of me
(M. Jagger/ K. Richards)*

RESUMO. O presente artigo teve como preocupação o estudo da conversão de Santo Agostinho, o que nos permitiu identificar as transformações dos comportamentos pagãos a partir do advento do cristianismo (séculos II ao IV). Para tanto, a pesquisa se ateve ao clássico de Santo Agostinho: *Confissões* (sua autobiografia); e a um apoio bibliográfico. À guisa de conclusão, é especialmente a Santo Ambrósio (que era bispo de Milão) que se deve a conversão de Santo Agostinho, sendo arrebatado pela sua personalidade, sobretudo ao acompanhar as suas pregações quando foi conquistado pelo encanto de sua palavra. Em razão disso, além de Santo Agostinho ser o maior articulador do pensamento cristão em fins da Antigüidade e o elaborador da cultura medieval, sua conversão representou a conversão de uma Era, a pagã, para uma outra, a cristã.

Palavras-chave: Santo Agostinho, Santo Ambrósio, Cristianismo, transformação social, Antigüidade, Idade Média.

ABSTRACT. *From Aurelius Augustinus to Saint Augustine of Hippo.* The present paper is concerned about the study of Saint Augustine conversion, which enabled us to identify the pagan behavior transformations, from Christianity advent (second and forth centuries). Thus, the research was based both on St. Augustine's classic: *Confessions* (his autobiography); and a bibliographic support. As a conclusion, his conversion was specially due to Saint Ambrose (bishop of Milan). He was conquered by St. Ambrose's personality, mainly while accompanying his preachings, because he was overcome by St. Ambrose's delightful words. Because of this, besides being the greatest Christian thinking articulator during the ancient times, and the medieval culture creator, St. Augustine's conversion represented the conversion of an era, the pagan, to another one, the Christian.

Key words: Saint Augustine, Saint Ambrose, Christianity, social transformation, Ancient Times, Middle Age.

Introdução

Desde o seu surgimento, o cristianismo incorporou às suas obrigações a tarefa de explicar ao povo e às autoridades romanas os seus ensinamentos e propostas de vida. Mesmo após a sua ascensão, a Igreja estava ciente de que seus preceitos não podiam ser impostos, mas apresentados a partir de um trabalho de convencimento e de conquista espiritual. Movidos por esse ideal, os primeiros pensadores da Igreja se dedicaram a elaborar uma *cosmovisão* cristã a partir de reflexões sobre a fé e a revelação, tendo como tema principal a *História da Salvação*. O conjunto dessa produção - "assumindo forma orgânica após a consolidação do papel da palavra

escrita na vida cotidiana na Igreja" (Pereira Melo, 2002)¹; foi denominada de *Patrística*.

Ao ganhar a capital romana, a religião de Jerusalém desencadeou um novo tempo para o Império, que teve como pressuposto a aniquilação do paganismo. Entretanto, essa mesma religião salvou a herança do pensamento antigo, visto que os padres do século IV e início do século V representaram um equilíbrio entre a herança da

¹ Nessa tarefa, Santo Agostinho teve papel definitivo, cujo gênio autêntico harmonizou os elementos assimiláveis da cultura clássica e os fragmentos dos Padres da Igreja. Para ele, era lícito que os cristãos assimilassem as "verdades" pagãs, pois provinham de Deus (Agostinho, Santo, *A Doutrina Cristã*, II,41).

cultura clássica e a inspiração cristã (Hamman, 1990) que chegara à maturidade².

Pelo fim do século IV se iniciou a chamada Era de ouro dos Padres da Igreja. Esses doutores foram personagens que tiveram promissoras carreiras interrompidas pela “conversão” ao cristianismo, com grandes nomes, tanto no Ocidente como no Oriente. Dentre eles, um realce especial mereceu Santo Agostinho (354-430), bispo de Hipona³, em virtude de sua contribuição para a formação da cristandade da Europa medieval, cujo legado filosófico-teológico se tornou fundamento para a consolidação do pensamento cristão, num momento em que o cristianismo buscava legitimação e justificativa junto à cultura clássica greco-romana. Isso lhe conferiu a qualificação de último grande homem do pensamento cristão antigo e o primeiro grande homem da Igreja medieval.

Apoiado nessa razão, nosso artigo teve como preocupação o estudo da conversão de Santo Agostinho, fato que nos permite identificar e exemplificar as transformações dos comportamentos pagãos a partir do advento do cristianismo, no seu recorte romano. Acrescente-se a isso o fato de sua conversão representar a transição do mundo antigo para o medieval.

Para tanto, a pesquisa se sustentou nas *Confissões* de Santo Agostinho (sua autobiografia) e no apoio de uma bibliografia que nos deu suporte para uma melhor compreensão do contexto privilegiado, o que garantiu informações e respaldo históricos. Nesse sentido, é significativo que, com o desvendamento dessas questões - transformações dos comportamentos no passado, haja uma maior possibilidade de compreensão das transformações dos comportamentos no tempo presente.

Ambrósio e Agostinho

É mister considerar que a importância de Santo Agostinho não está apoiada, apenas na amplitude da sua obra, mas, sobretudo, na fecundidade da sua ação. O mestre de Hipona não foi somente homem da Igreja (bispo, filósofo, teólogo, dogmático, espiritualizador, teólogo moral e místico), mas também se dedicou à filosofia (antiguidade tardia),

fato que lhe conferiu o posto de autoridade fundamental para a especulação medieval posterior, o que nos levou a concordar com a afirmação: “o maior pensador cristão (e não apenas cristão) do Ocidente” (Moreschini e Norelli: 2000, 13):

No solo poseía Agustín plenamente la cultura literaria propia de los hombres cultos de su tiempo, sino que además dominaba magistralmente la palabra y la pluma, y de un modo absoluto los resortes de la retórica, como la antítesis, la metáfora, los juegos de palabras y de ideas (Altaner, 1962: 403).

Nesse sentido, tornou-se o pensador que não poupou esforços à dedicação espiritual e à organização da Igreja, assim como o fizera o bispo Ambrósio, cuja aproximação contribuiu para a sua formação cristã.

Aurélio Agostinho (futuro Santo Agostinho) nasceu em Tagaste⁴ no ano de 354; era filho de Patrício e Mônica (família proprietária de terras). Seu pai - não-cristão - somente se converteria no fim de sua vida. Sua mãe, no entanto, era fervorosa cristã e durante vinte anos labutou pela conversão do filho. Dessa forma, a aceitação da religião cristã, assim como a sua evolução espiritual foi iniciada e marcada pela fé de Mônica⁵.

Agostinho iniciou seus estudos na própria Tagaste e, posteriormente, foi a Madauro⁶ cursar gramática, com a intenção de formar-se em retórica, estudo que poderia garantir a profissão de advogado ou seguir carreira burocrática, mas devido à falta de dinheiro retornou à sua casa. Somente iria concluir sua formação em Cartago⁷, com a ajuda financeira de um amigo da família, Romaniano. Sua formação cultural se deu pelos autores latinos, estudando principalmente Virgílio⁸ e Cícero⁹, assim como os demais clássicos.

⁴ Cidade da província romana da Numídia. A região abrangia a parte oriental da Argélia atual e fora anexada por César à província da África. Tornou-se depois província à parte, sob Calígula (37-41 d. C.) e Sétimo Severo (193-211 d. C.). No século IV, sob a ação de Santo Agostinho, formou-se nela uma comunidade de intensa vida monástica (Porto e Schlesinger, 1987).

⁵ Agostinho, Santo, *Confissões*, II, 3,7.

⁶ Cidade localizada ao sul de Tagaste, na Numídia (Porto e Schlesinger, 1987).

⁷ Colônia grega fundada na África no século IX a. C. Foi destruída pelos romanos em 146 a. C. Augusto (63 a. C. - 14 d. C.) reconstruiu-a, tornando-a metrópole e principal centro da África. As origens cristãs em Cartago são obscuras, onde sua igreja era mais homogênea e menos cosmopolita do que Roma. Nos fins do século IV, a igreja da África organizava-se solidamente em torno da sé de Cartago, com concílios plenários anuais (Porto e Schlesinger, 1987).

⁸ Poeta de sua predileção. É provável que Santo Agostinho soubesse de cor muitos versos de Virgílio.

⁹ Marco Túlio Cícero nasceu em Arpino, próximo a Roma, em 106 a.C. Foi político influente, jurista, orador, filósofo, sua obra - vasta e diversificada - é uma das mais importantes da literatura latina e influente na cultura ocidental.

² Acrescente-se a isto o significativo fato de a passagem do século IV para o V ser marcada pela tradução da Bíblia para o latim, a *Vulgata*, tornando-se canônica, trabalho realizado por São Jerônimo entre os anos 391 a 406.

³ Cidade da província romana da Numídia - região oriental da atual Argélia - no norte da África. Seu nome latino era *Hippo Regius*. Desde meados do século III, contava com a presença de cristãos, ao longo do século IV os donatistas prevaleceram na orientação das idéias e dos costumes até que Santo Agostinho (no ano de 395) foi eleito bispo da cidade (Porto e Schlesinger, 1987).

Após ter lido *Hortênsio*, de Cícero, - livro escrito em forma de diálogos, no qual o pensador latino respondeu às dificuldades de Hortênsio com a filosofia - o estudante Agostinho considerou ter passado por sua primeira “conversão”: à Filosofia, despertando em sua alma, segundo seu próprio testemunho, o “amor da sabedoria”.¹⁰ Não fora na filosofia, todavia, que Agostinho encontraria Cristo e a fé cristã, conforme suas próprias palavras: “Uma só coisa me magoava no meio de tão grande ardor: não encontrar ali o nome de Cristo” (Agostinho, 1999: 84). Sua “conversão” à filosofia romana, devido à sua proposta interpretar a Bíblia como leitura pouco agradável (se comparada às obras clássicas pagãs), resultou numa certa frieza do filósofo para com a fé cristã: “A sua simplicidade repugnava ao meu orgulho e a luz da minha inteligência não lhe penetrava no íntimo” (*Ibid.*: 84).

A retórica nesse momento entrava em decadência quanto à sua função de papel civil e político (Marrou, 1974), o que levou o futuro pensador cristão a começar sua vida profissional como professor, ensinando durante treze anos em Tagaste. O seu sucesso profissional o levou a outras cidades mais significativas do Império: Cartago (374), Roma (383) e, por fim, Milão, em 384.

Em sua inquietação investigativa, Santo Agostinho abraçou, em 373, a seita maniqueísta¹¹. Com essa nova orientação, aberto às experiências religiosas, sua caminhada foi flexibilizada, o que o levou ao cristianismo após ter permanecido por nove anos nessa seita. Por conseguinte, ao abandoná-la, abraçou por um curto período (383-384) a filosofia cética (Daniel-Rops, 1991).

Anterior ao encontro com Agostinho, Ambrósio, o bispo de Milão - aristocrata romano que se tornou pastor de esmerada educação - já possuía personalidade marcante na história do Império Romano. Nascido em Tréveros (em data imprevista), era gaulês descendente de gregos. Com a morte do pai, foi levado a Roma, onde recebeu uma educação nobre, estudando gramática, literatura

grega e romana, retórica e direito. Sua educação religiosa, no catecumenato, foi orientada por Simpliciano¹², que, segundo Santo Agostinho, era seu “pai espiritual”: “Dirigi-me, portanto, a Simpliciano, que, na concessão da graça, era pai do bispo Ambrósio. E, na verdade, este amava-o como pai” (*Ibid.*: 203).

Ambrósio exerceu a advocacia do tribunal da prefeitura, quando, em 370, Sexto Petrônio Probo - prefeito do pretório - o nomeou membro do conselho e, depois, *consularis*: governador da província da Emília e Ligúria, com sede em Milão. Aos 30 anos já ocupava o primeiro posto de Milão. Sua ação política tornou-o uma unanimidade na cidade.

Em 374, com a morte de Auxêncio, bispo de Milão - de descendência ariana¹³ -, previa-se um choque entre os adeptos na sucessão: católicos e arianos. Ambrósio, como responsável político da cidade, esteve presente na eleição, com intuito de manter a ordem, mas, para sua surpresa, foi o escolhido pelos participantes da assembléia¹⁴. Foi uma eleição a contragosto, protestada pelo próprio Ambrósio, pois ainda era um catecúmeno. Após muita insistência, aceitou a idéia. Preparando-se para o batismo, uma semana depois recebeu as ordens - com isso renunciou a seus bens em prol dos pobres e da Igreja. Como bispo, ganhou respeito e fama entre seus concidadãos. Inspirou-se em promover a vida cristã, sobretudo exaltando a virgindade¹⁵, uma das conquistas do cristianismo sobre os costumes pagãos. De sua autoria, o *De officiis* foi o primeiro tratado de ética cristã no ocidente.

Sua autoridade moral era até mesmo reconhecida por seus inimigos, o que legitimava a proposta cristã de consolidação em meio ao mundo pagão, assim como seus relacionamentos políticos que foram coroados de êxitos:

¹⁰ Agostinho, Santo, op. cit., III, 4, 8.

¹¹ Religião herética fundada por Mani - reformador persa que viveu entre os anos 216 e 277 - no século III na Pérsia, que explicava o paradoxo e a desordem do mundo recorrendo aos seus dois princípios antagônicos: duas naturezas e substâncias, a do bem e a do mal, com uma doutrina de salvação ao nível racional. Implicava: racionalismo, materialismo, dualismo radical na concepção do bem e do mal, como princípios morais, ontológicos e cósmicos. Cristo, para os maniqueístas, foi revestido de carne aparente, sua morte e ressurreição eram também aparentes. A promessa do Espírito Santo se realizou em Mani. O Antigo Testamento era rejeitado, pois Moisés, como um dos príncipes das trevas, não foi inspirado por Deus. O pecado original não foi atribuído ao livre-arbítrio, mas ao princípio universal do mal que habitou nos homens (Santos e Pina, 1999).

¹² Simpliciano era sacerdote. O bispo Ambrósio, no seu leito de morte, indicou-o como o seu sucessor (Frangiotti, 1996).

¹³ Em síntese, o arianismo foi “uma das piores heresias que já afetaram a Igreja. Ario... no Egito ensinou a distinção entre o Pai e o Filho, afirmando que o filho, criado do nada no tempo, era pura criatura mais excelente que as outras, mas diferente do Pai por natureza, pois não é Deus. Conseqüentemente, Ario negou a divindade de Cristo” (Nunes, 1978: 9).

¹⁴ Sobre a sua eleição, conta-se que do meio de uma multidão uma criança teria gritado: “Ambrósio, bispo!”, entretanto o próprio biógrafo de Santo Ambrósio, Paulino, que era seu secretário, negou essa história, sendo nada mais que uma lenda. O incentivo a Paulino de escrever essa biografia partiu de Santo Agostinho (Frangiotti, 1996).

¹⁵ Santo Ambrósio, no que se refere à virgindade, escreveu obras como: *Sobre as virgens* (obra que o inaugurou como escritor eclesiástico); *Para minha irmã Marcelina*; *Exortação à virgindade*; *Sobre a instituição das virgens*; *Sobre a virgindade perpétua de Maria* (Frangiotti, 1996).

Ele dá a impressão de total integridade naquilo que exige, e, então, mesmo que seja duro na ação, não se mostra jamais intratável, desumano, sem escrúpulo. Pode acontecer que se detestem os objetivos que ele persegue e a maneira como procede, [...] mas seus inimigos não podiam lhe recusar estima e consideração (Compenhause, apud Frangiotti, 1996: 18).

Para a defesa da fé católica, venceu a imperatriz Justina e seu filho Valentiniano, que queriam uma Igreja para os arianos. No ano de 375, convenceu o Imperador Graciano¹⁶ a renunciar ao título de *Pontifex Maximus* (Sumo Pontífice) - o que mais tarde viria a ser um título papal. No império de Teodósio, no *Sermão contra Auxêncio*, afirmou a independência da Igreja em relação ao Estado: “O Imperador está na Igreja, não acima da Igreja” (Ambrósio *apud* Fröhlich, 1987: 35).

Ambrósio chegou até a excomungar o Imperador Teodósio, quando este, em 390, ordenara um massacre em Tessalônica¹⁷ para vingar a morte de um comandante; fato ocorrido quando o Imperador quis entrar na igreja acompanhado de sua corte. Ambrósio o impediu com autoridade e valentia, recusando-se a presidir uma celebração em sua presença (Fröhlich, 1987). O Imperador mais poderoso da terra, não resistindo às investidas de Ambrósio e revestindo-se do *brudel* dos penitentes - atitude que implicava o reconhecimento de seus erros -, expiou sua ação publicamente. Dessa forma, evidenciou-se a força da autoridade religiosa do bispo de Milão, que não podia ser desprezada nem mesmo pelo Imperador. Teodósio, um ano depois, proibiu todo o culto pagão, dando fim ao paganismo na vida pública romana.

Simultaneamente, enquanto o bispo Ambrósio assumia uma figura representativa, em episódios que marcaram o momento que Roma desabava, Agostinho buscava sua verdade ontológica.

Milão: vias para Deus

Ao ter conhecimento de que Roma era um local onde o estudo e o ensino se encontravam em melhores condições frente ao que estava vivendo em Cartago, bem como incentivos (lucro e dignidade que almejavam o seu espírito), Agostinho criou condições para se mudar para Roma no ano de 383. Isso feito, após se ocupar do ensino da retórica, percebeu que Roma também apresentava problemas educacionais, principalmente em relação aos

estudantes, que maliciosamente praticavam a inadimplência (Marrou, 1974), fato que o irritou profundamente durante seu magistério na “cidade eterna”.

Dado a necessidade de a cidade de Milão ter um professor na arte da retórica, Agostinho se candidatou para o cargo quando, ao discursar para o prefeito Símaco que havia proposto o tema, foi aprovado¹⁸. Ao chegar em Milão em 384, deparou-se com um ambiente cultural novo e estimulante: círculos de literatos e interesses pelo cristianismo. Em Milão também se cultivava a retórica e a filosofia neoplatônica (Moreschini e Norelli, 2000), ambos artificios encontrados na personalidade de seu bispo, Ambrósio.

Milão foi o ponto decisivo da conversão do futuro bispo de Hipona, o local que, segundo o filósofo-teólogo, o “levou” a Deus. Sua conversão se deu a partir de três situações: o encontro com o bispo Ambrósio; a adoção da filosofia neoplatônica e a preferência pela leitura das cartas de São Paulo.

Pela boca de Ambrósio

Dentre esses episódios, a principal e indispensável situação que levou Agostinho à conversão foi o encontro com o bispo Ambrósio, que o atraía por suas pregações e pela sua notoriedade intelectual:

Chegando a Milão, fui visitar o bispo Ambrósio, conhecido pelas suas qualidades em toda a terra e vosso piedoso servidor, cuja eloqüência zelosamente servia ao vosso povo “a fina flor do vosso trigo, a alegria do azeite de oliveira e a sóbria embriaguez do vinho” (Agostinho, 1999: 140).

Os primeiros encontros entre esses dois homens, retóricos e intelectuais, foram marcados por uma postura de inquirição por parte de Agostinho, que apesar de fascinado pelo modo como discursava o bispo Ambrósio, o ouvia com objetivo de certificar-se da sua reputação, conforme seu próprio testemunho:

Ardorosamente o ouvia quando pregava ao povo, não com o espírito que convinha, mas como que a sondar a sua eloqüência para ver se correspondia à fama, ou se realmente se exagerava ou diminuía a sua reputação oratória. Estava suspenso das suas palavras, extasiado, porém indiferente e até mesmo mofando do que ele dizia. Deleitava-me como a suavidade do discurso, bem mais erudito do que o de Fausto (Ibid.: 140-141)

Outra propriedade desses encontros foi oportunizar “choques” retóricos entre ambos, dos quais Agostinho foi “vencido”. Segundo alguns de seus biografos, Santo Ambrósio foi mais genial como

¹⁶ Graciano foi Augusto do ocidente dos anos 375 a 383. Seu pai, Valentiniano, já o nomeara como co-imperador aos 9 anos de idade (em 367).

¹⁷ Cidade portuária junto ao mar Egeu, era naquele tempo a capital da Macedônia (Porto e Schlesinger, 1987).

¹⁸ Agostinho, Santo, op. cit., V, 13, 23.

orador do que o fora como escritor, visto o domínio que tinha sobre o seu auditório (Hamman, 1990). É mister considerar que esses embates marcaram profundamente o futuro pensador cristão.

Não obstante, naquele momento de sua vida o futuro doutor da Igreja estava mais preocupado com a eloquência de Ambrósio, que o surpreendia e o encantava, de acordo como ficou expresso em suas *Confissões*: “Não me esforçava por aprender o que o bispo dizia, mas só reparava no modo como ele falava. Esse gosto frívolo da eloquência permanecera em mim” (*Ibid.*: 141).

As interpretações feitas por Ambrósio de textos do Antigo Testamento, - provavelmente as homilias sobre o *Hexamerão*, sobre *Isaac e a alma* e *O bem da morte* - até então consideradas como obscuras por Agostinho, colocaram em dúvida os seus antigos conceitos, possibilitando-lhe a idéia de que a Bíblia poderia ser compreendida de outra maneira, o que o levou a repensar sua vida e religião (Moreschini e Noelli, 2000). Aos poucos, o bispo Ambrósio, com sua eloquência evangelizadora, semeou no espírito do retórico a fé católica, persuadindo-o a se deleitar no seio da Igreja:

*Contudo, junto com as palavras que me deleitavam, iam-se também infiltrando no meu espírito os ensinamentos que desprezava. Já os não podia discernir uns dos outros. Enquanto abria o coração para receber as palavras eloqüentes, entravam também de mistura, pouco a pouco, as verdades que ele pregava. Logo comecei a notar que estas se podiam defender. Já não julgava temerárias as afirmações da fé católica, que eu supunha nada poder retorquir contra os ataques dos maniqueus (*Ibid.*: 141).*

Entretanto, Agostinho não havia resolvido assumir imediatamente o caminho da fé cristã, mas seu futuro, então fora do maniqueísmo, era conduzido pela boca de Ambrósio a novos caminhos.

A importância da influência do bispo Ambrósio na negação, por parte de Agostinho do entendimento pagão e/ou anti-cristão, ficou expresso em suas *Confissões*:

*É certo que todos os domingos o ouvia “expor fielmente ao povo a palavra da verdade” (2 Tm 2,15), convencendo-me cada vez mais de que se podiam desatar todos os nós das calúnias sagazes que teciam contra os livros divinos aqueles que me enganavam (*Ibid.*: 149).*

Apesar de reconhecer o papel do bispo Ambrósio em convencê-lo de um novo caminho para chegar à “verdade”, foi a Deus que Agostinho atribuiu a descoberta:

Vós me leváveis a Ambrósio, sem eu o saber, para ser por ele conscientemente levado a Vós. Este homem de Deus recebeu-me paternalmente e apreciou a minha vida bastante episcopalmente. Comecei a amá-lo, em princípio não como

*mestre da Verdade - pois jamais esperava encontrá-la na vossa Igreja -, mas como um homem benigno para mim (*Ibid.*: 140).*

Adoção da filosofia Neoplatônica

Os encontros com o bispo Ambrósio, em meio ao processo de sua conversão, abriram caminho para as outras duas situações que Agostinho viveu em Milão. A primeira se deu na adoção da filosofia neoplatônica¹⁹, visto que já a conhecia, em virtude de sua formação de retórico (Gilson, 1998), - principalmente de estudo de autores²⁰ como Plotino²¹ e Porfírio²².

O pensamento ainda “materialista” de Agostinho não lhe permitia pensar em uma realidade do imaterial, em que somente após assumir o neoplatonismo lhe permitiu formular novas concepções:

*Porém, o principal e quase único motivo do meu erro inevitável era, quando desejava pensar no meu Deus, não poder formar uma idéia dele, se não lhe atribuísse um corpo, visto parecer-me impossível que houvesse alguma coisa que não fosse material (*Ibid.*: 137).*

Antes da “iluminação” neoplatônica, Agostinho ainda acreditava nos conceitos e nas especulações maniqueístas, apoiado nos dois princípios propostos desta seita: o bem e o mal, o que implicava entender o mal como uma substância:

*Daqui deduzia eu a existência de uma certa substância do mal que tinha a sua massa feia e disforme - ou fosse grosseira como a que chamam terra ou tênue e sutil como o ar -, a qual eu julgava ser o espírito maligno investindo a terra. (...) Com efeito, o mal aparecia à minha ignorância não só como substância, mas como substância corpórea, já que a minha mente não podia formular a idéia de um corpo sutil, difundido pelo espaço (*Ibid.*: 137-138).*

Ao assimilar neoplatonismo e cristianismo, Agostinho conseguiu obter soluções dessas dificuldades ontológico-metafísicas, principalmente no que se refere à concepção do incorpóreo, à realidade do imaterial: “Mas depois de ler aqueles livros dos platônicos e de ser induzido por eles a buscar a verdade incorpórea, vi que ‘as vossas

¹⁹ Filosofia do mundo romano, surgida em Alexandria (Egito), dominante no meio pagão dos séculos III ao IV. Sua origem é duvidosa, entretanto é atribuída a Plotino. Seu conteúdo doutrinário envolvia elementos aristotélicos, estoicos e platônicos, assim como alguns traços do pitagorismo.

²⁰ Estas obras foram traduzidas para o latim por Mário Vítorino e, provavelmente, por Mânlio Teodoro, que era literato, filósofo neoplatônico e cristão milanês.

²¹ Filósofo romano que viveu entre os anos 205 e 270, e foi um dos formuladores do neoplatonismo.

²² Discípulo de Plotino, Porfírio foi seu biógrafo, e viveu entre os anos 234 e 305.

perfeições invisíveis se percebem por meio das coisas criadas' (Rm 1,20)" (*Ibid.*: 194).

Em virtude dessas novas descobertas filosóficas, Agostinho passou a definir o mal não mais como substância, mas como uma privação, determinando-o como: *o menos ser*:

A defectibilidade da alma vem de seus atos e da pena que padece pelas dificuldades - consequência dessa defectibilidade. Todo o mal reduz-se a isso. Ora, o agir ou o padecer não são substâncias. Portanto, a substância não é um mal. [...] Por exemplo, [...] se alguém, repentinamente, fixasse de frente o sol de meio-dia, seus olhos feridos pelos raios se ofuscariam. Serão por acaso maus, por isso, o sol ou os olhos? De modo algum, porque eles são substâncias. O mal está em mirar imprudentemente e no incômodo que se segue. Esse desaparecerá, porém, depois de os olhos terem descansado e se dirigido a uma luz conveniente (Agostinho, 1992: 70-71).

Foi ainda nos livros platônicos que o futuro doutor da Igreja encontrou respostas fundamentais sobre a existência de um só Deus e, de seu *Logos*, suprema sabedoria e racionalidade - porém considerava as Escrituras Sagradas infinitamente melhor.

Em meio à conversão de Santo Agostinho, não só no que se referia ao seu comportamento, mas ao seu modo de pensar, levanta-se uma questão: sua conversão foi ao cristianismo ou ao neoplatonismo? Sua conversão foi ao cristianismo manifestado em Milão, que era neoplatônico, e era também o cristianismo de Santo Ambrósio, mas, sem dúvida, sua conversão foi acima de tudo ao cristianismo.

As Epístolas de São Paulo

A situação que levou Santo Agostinho a selar sua conversão se deu a partir da leitura das cartas de São Paulo:

Por conseguinte lancei-me avidamente sobre o venerável estilo (da Sagrada Escritura), ditada pelo vosso Espírito, preferindo, entre outros, o Apóstolo São Paulo (Agostinho, 1999: 195).

Segundo o pensador, a filosofia havia revelado muitas "verdades" e auxiliado em sanar dúvidas com relação a mistérios, como o imaterial, o conhecimento, idéias, entre outros. Entretanto, a "verdade", ou seja, o sentido da fé, não o encontrou nos filósofos, pois Deus manteve isso oculto aos sábios para revelá-lo aos humildes:

Ora, isto não o dizem os livros platônicos. Suas páginas não encerram a fisionomia daquela piedade, nem as lágrimas da compunção, nem "o vosso sacrifício nem o espírito compungido, nem o coração contrito e humilhado" (Sl 50,19), nem a salvação do povo, nem a cidade desposada (Ap 21,2), nem o penhor do Espírito Santo, nem o cálice do

*nosso resgate (2 Cor 5,5). [...] Nos livros platônicos ninguém ouviu Aquele que exclama: "Vinde a Mim, vós, os que trabalhais" (Mt 11,28). Desdenham em aprender d'Ele, que é manso e humilde de coração. "Escondestes estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos humildes" (Mt 11,25) (*Ibid.*: 196-197).*

Dessa maneira, a aceitação dessa "verdade" não dependia somente da razão, mas, e principalmente, da fé, que para Agostinho, Cristo seria o meio operante para o êxito completo, encontrou tudo isso, sobretudo, em São Paulo:

*Uma coisa é ver de um pináculo arborizado a pátria da paz e não encontrar o caminho para ela, gastando esforços vãos por vias inacessíveis, entre os ataques e insídias dos desertores furtivos [...]; e outra coisa é alcançar o caminho que para lá conduz, defendido pelos cuidados do general celeste, onde os que desertaram da milícia do paraíso não podem roubar, pois o evitam como um suplício (*Ibid.*: 197).*

Nesta altura da sua conversão, entre 386 e 387, Agostinho já proclamava essas "verdades", contudo, a sua conversão moral e comportamental encontrou-se fundamentada nos ensinamentos de São Paulo. Tal episódio, célebre na vida de Agostinho, ocorreu no jardim de sua casa em Milão (Daniel-Rops, 1991), o que se caracterizou por uma luta travada em seu interior, tendo em vista expurgar a sua angústia que o colocava numa inquietude interior:

*Quando, por uma análise profunda, arranquei do mais íntimo toda a minha miséria e a reuni perante a vista do meu coração, levantou-se enorme tempestade que arrastou consigo uma chuva torrencial de lágrimas. [...] oprimido pela mais antiga dor do coração. [...] Eis que, ouço uma voz [...]. Cantava e repetia freqüentes vezes: "Toma e lê; toma e lê". [...] persuadindo-me de que Deus só me mandava uma coisa: abrir o códice²³, e ler o primeiro capítulo que encontrasse. [...] Abalado, voltei aonde Alípio estava sentado, pois eu tinha aí colocado o livro das Epístolas do Apóstolo, quando de lá me levantei. Agarrei-o, abri-o e li em silêncio o primeiro capítulo em que pus os olhos: "Não caminheis em glotonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites" (Rm 13,13). Não quis ler mais, nem era necessário. Apenas acabei de ler estas frases, penetrou-me no coração uma espécie de luz serena, e todas as trevas da dúvida fugiram (*Ibid.*: 222-223).*

Dessa forma, Agostinho chegava ao fim de sua caminhada em busca do que acreditava como "verdade", ou seja, a fé que seus pais o ensinaram quando criança, e que ganhou sentido por meio do bispo Ambrósio:

²³ Santo Agostinho se refere às Epístolas de São Paulo (Santos e Pina, 1999).

Assim me convertia, ó meu Deus, confundindo-me e alegrando-me por a única Igreja verdadeira - corpo do vosso Filho único, onde, em criancinha, me ensinavam o nome de Cristo - não gostar de bagatelas infantis. [...] Cheio de gozo, ouvia muitas vezes a Ambrósio dizer nos sermões ao povo, como que a recomendar, diligentemente, esta verdade: "A letra mata e o espírito vivifica" (2 Cor 3,6). Removido assim o místico véu, desvendou-me espiritualmente passagens que, à letra, pareciam ensinar o erro. Ele nada dizia que me desagradasse (Ibid.: 150).

Agostinho foi conquistado pelo encanto de sua palavra: "Por isso corria com mais diligência à igreja, ficando suspensa dos lábios de Ambrósio como 'de uma fonte de água que jorra para a vida eterna'" (Jo 4,14) (Ibid.: 146). Atingiu, ao seu final, a decisão de sua conversão ao cristianismo, conforme seu próprio relato: "Por isso, resolvi fazer-me catecúmeno na Igreja católica, à qual meus pais me tinham inclinado, até vir alguma certeza a elucidar-me no caminho a seguir" (Ibid.: 142).

Assim, Agostinho, decifrando e assumindo uma ontologia que defenderia até o fim de sua vida, expressou em uma de suas mais célebres definições *a nostalgia de Deus*, que habitava em seu coração, e que faz o homem gritar perante o Ser:

O homem, fragmentozinho da criação, quer louvar-Vos; - o homem que publica a sua mortalidade, arrastando o testemunho do seu pecado e a prova de que Vós resistis aos soberbos. Todavia, esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-Vos. Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós²⁴ (Ibid.: 37).

Despojando-se do mundo pagão

Conquistado pelo cristianismo, Agostinho renunciou à Cátedra municipal de Retórica de Milão²⁵, e retirou-se para uma propriedade rural, em Cassiciacum²⁶, junto com sua mãe, seu filho Adeodato, seu irmão Navígio e alguns amigos (Lastidiano, Rústico, Trigério, Licêncio e Alípio), onde permaneceu como catecúmeno, de setembro de 386 a março de 387, desligando-se por inteiro do mundo: "Chegou o dia em que, na realidade, me devia libertar da profissão de retórico, da qual já estava desligado no pensamento. Assim sucedeu" (Ibid.: 231-233). Durante o tempo em que permaneceu em Cassiciacum, Agostinho, por meio de cartas, orientava-se com o bispo Ambrósio²⁷.

Firmada sua preparação retornou a Milão, e na noite Pascal de 387 foi batizado pelo bispo Ambrósio, rompendo com as preocupações e aflições de seu passado²⁸. Com a conversão e o batismo, Agostinho encontrou no cristianismo a solução para seu drama interior. Nesse sentido, lamenta o pensador ter encontrado tarde o que acreditava ser o maior bem e beleza suprema:

Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-Vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco! Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria se não existisse em Vós. Porém chamaste-me com uma voz tão forte que rompestes a minha surdez! Brillhastes, cintilastes e logo afugentastes a minha cegueira! Exalastes perfume: respirei-o, suspirando por Vós. Saboreei-Vos, e agora tenho fome de Ti, de Ti tenho sede. Tocaste-me e ardi no desejo da vossa paz (Ibid.: 285).

Agostinho encontrou no cristianismo a ascese como estrutura do modo de viver, não como uma negação do mundo, mas como uma superação dele, usando os bens do mundo, mas não gozando deles. Outro fator que colaborou para a transformação da vida de Agostinho foi o contato com *A Vida de Santo Antão*²⁹, escrita por Santo Atanásio³⁰, onde Agostinho encontrou, na conversão de Antão, um exemplo de decisão, frente a uma mudança tão radical.

Com a oficialização da sua conversão, começou seu retorno à África, levando consigo sua mãe e amigos. Quando passavam por Roma, morreu Mônica, sua mãe, o que resultou no adiamento de seu retorno por alguns meses, o que viria a ocorrer em 388. Novamente em sua terra natal, Tagaste, Agostinho vendeu suas propriedades e, juntando-se a amigos, iniciou uma vida monástica de pobreza, oração e estudo (fé e reflexão): auto-intitulavam-se "servos de Deus", permanecendo ali naquela comunidade por três anos, de 388 a 391.

Sua vida de estudo, (em abstinência), desprovida dos problemas sacerdotais (pastorais), promoveu a sua fama por toda a África. Em uma viagem a Hipona, numa assembléia, Valério, bispo da cidade, aproveitou a sua presença para anunciar ao povo a necessidade do auxílio de um novo presbítero. O povo, em concordância com o seu bispo, levou Agostinho a ser ordenado sacerdote, no ano de 391

²⁸ Ibid., IX, 6 14.

²⁹ Santo Antão é considerado o "Pai dos eremitas", e morreu em 356, em Tebaida, depois de 70 anos de vida em solidão com 105 anos de idade.

³⁰ Santo Atanásio viveu entre os anos 295 (provavelmente) a 373, e teve importante participação no primeiro Concílio da Igreja, Nicéia em 325, tornando-se um paladino na luta contra os arianos em favor da Igreja, lhe rendendo exílios e sofrimentos. Sagrando-se bispo de Alexandria em 328 (Hamman, 1990).

²⁴ Grifo nosso.

²⁵ Agostinho, S., *op. cit.*, IX, 2, 2.

²⁶ Aproximadamente 30km ao norte de Milão.

²⁷ Agostinho, S., *op. cit.*, IX, 5 13.

(Moreschini e Norelli, 2000). Com os compromissos eclesiais, teve de pregar e resolver problemas considerados “banais”, ao contrário da sua dedicação anterior, voltada à escrita. O novo compromisso exigia um aprofundamento dos conhecimentos da Bíblia, assim como das questões pastorais, o que redirecionou sua vida, voltando sua pesquisa e meditação à Sagrada Escritura e à Tradição. O poder de sua ação no cristianismo levou-o à sua consagração, em 395, a bispo de Hipona.

Enquanto bispo, Agostinho foi um exímio articulador de grandes temas teológicos, ao dedicar sua vida à elaboração da filosofia cristã. Envolveu-se em todas as controvérsias africanas e no mundo cristão de seu tempo, onde se destacou na defesa da fé Católica, principalmente contra os maniqueístas, donatistas³¹ e pelagianos³².

Novos caminhos de Agostinho

De fato, a fé e a conversão mudaram o modo de viver e de pensar do retórico de Milão. A fé, que naquele momento era o horizonte de sua vida, tornou-se substância tanto do seu comportamento quanto do seu pensamento: com Agostinho nascia a filosofia cristã, nascia o filosofar na fé. O que fora antes preparado pelos Padres gregos, era, naquele momento, o produto do amadurecimento em Santo Agostinho. A história desse desenvolvimento, dessa relação entre o cristianismo e a filosofia, não foi de imediato, haja vista a primordial tarefa dos Padres da Igreja ser o anúncio do Evangelho. Santo Agostinho, ao cristianizar o pensamento platônico e neoplatônico, elaborou o primeiro conjunto filosófico ligado efetivamente à teologia, com isso, possibilitou à razão se abrir à transcendência.

Em suas teses, sustentou que a fé é precedida, em certo grau, pela razão: sem pensamento não haveria fé, observando assim que a fé não elimina a inteligência, e a inteligência fortalece a fé; acrescente-se a isto a razão de intervir em duas

situações: primeiramente ao preceder a fé e, por conseguinte, ao tomar partido da fé (Agostinho, *A predestinação dos Santos*, II, 5). A fórmula do filosofar na fé (da filosofia cristã), foi definida por Santo Agostinho no seu *Sermão 43* como: *Credo ut Intelligam* e *Intelligo ut Credam* (Crer para Compreender e Compreender para Crer):

Com justiça é-me objetado: “tenho de compreender para crer”; mas também te respondo, e não com menos justiça, com o profeta, crê para entender (cf. Is 7, 9: se não crederes, não compreendereis). Ambos temos razão: compreende para crer, e crê para compreender-me, na palavra de Deus (Agostinho, Sermão 43 apud Moreschini e Norelli, 2000: 46).

Em virtude disso, o pensador cristão, ao consolidar a relação entre fé e razão, resolveu essa problemática da Patrística: o que se tinha de saber entre a verdade revelada (religiosidade cristã) e a verdade filosófica (cultura pagã), o que significou o mais expressivo diálogo entre o cristianismo e a cultura clássica greco-romana.

Apesar de combatente incansável das heresias, Santo Agostinho, em sua *A Verdadeira Religião*, entendia nessas manifestações, assim como no paganismo e judaísmo, um sentido providencial:

Esta Igreja católica - vigorosa e extensivamente espalhada por todo o orbe da terra - serve-se de todos os que erram, para o seu próprio proveito e também para a correção deles - uma vez que se resolvam a despertar de seus erros. Aproveita-se dos pagãos, para campo de sua transformação; dos hereges, para prova de sua doutrina; dos cismáticos, para documento de sua estabilidade; dos judeus para realce de sua formosura. [...] Contudo, a todos dá a possibilidade de receber a sua graça, quer tenham de ser formados, reformados, reunidos ou admitidos (Agostinho, 1992: 44).

Quando Agostinho morreu, em 28 de agosto de 430, na cidade de Hipona, onde fora por mais de 30 anos o seu bispo, as invasões bárbaras faziam desmoronar, e sem retorno, a civilização greco-romana do ocidente. A África também já havia sido invadida e arrastada pela violência e pilhagem dos vândalos. Entretanto, Agostinho ainda conseguiu que seus livros não fossem destruídos. Assim, o seu legado permaneceu vivo para contribuir com o reordenamento da fé cristã na Idade Média³³.

³¹ Esta heresia por todo o século IV dividiu a igreja africana. O bispo Donato foi um dos líderes desta seita que levava o seu nome, o *donatismo*. Acreditavam que os sacramentos, inclusive a ordenação episcopal, não teriam validade se fossem conferidas por alguém que traiu a fé (por exemplo, um cristão que durante o tempo das perseguições do imperador Diocleciano, entregasse as Sagradas Escrituras às autoridades civis).

³² Doutrina elaborada no século V, por Pelágio, que, após as invasões bárbaras, se estabeleceu em Cartago. Segundo suas idéias, o homem deve escolher livremente a religião e, não sendo pecador por natureza, pode optar pelo bem e pelo mal. Para Pelágio, o pecado original só afetou o próprio Adão e não a humanidade inteira. Suas idéias ganharam a oposição de Santo Agostinho, que foi seu adversário intransigente. O pelagianismo foi condenado pelos concílios de Cartago, em 417, e de Éfeso, em 431.

³³ Sua capacidade intelectual somada à sua intensidade na ação eclesial deixou o legado de uma grande obra, destacando-se nela suas três obras-primas, a saber: *Confissões (Confessiones)*; *A Trindade (De Trinitate)* e *A Cidade de Deus (De Civitate Dei)*. E não só isso, sua produção assumiu tal proporção que falar de sua obra é como querer discorrer sobre uma biblioteca, composta de diálogos, comentários, epistolários, sermões, tratados; sobre diversos temas, por exemplo: teológicos, filosóficos, dogmáticos, morais, espirituais, pastorais, históricos, etc. (Sciaccia, 2003).

Considerações finais

Santo Agostinho, durante sua vida, antes da sua efetiva conversão, percorreu um longo caminho para lograr sua evolução espiritual. Esse caminho, de certo modo, levou-o a entrar no seio do cristianismo, assim como o caminho que percorreu após sua conversão levou-o a defender o que assumiu durante o resto de sua vida.

Assim sendo, pode-se sustentar que Santo Agostinho, de uma pequena localidade africana, por meio do seu pensamento filosófico-teológico, mudou a história da Igreja e do mundo ocidental, pois o seu pensamento cruzou o limiar de seu tempo (não se limitando a ele), na medida em que invadiu a Idade Média para fruir como mentor espiritual e artífice da cultura medieval. Dessa forma, o filósofo cristão concluiu um período, a Antigüidade, e iniciou outro, a Idade Média.

Santo Agostinho representa o apogeu da Patrística. É lido, discutido e imitado, assim, o seu pensamento, ao adquirir corpo doutrinal, no seu bojo e notoriedade, alcançou condição paradigmática. O papa João II, em 534, escreveu: “as doutrinas que a Igreja romana segue e mantém são as de Santo Agostinho” (Daniel-Rops, 1991). A maior prova da influência do pensamento de Santo Agostinho no mundo medieval está no fato de, após sua morte, o ocidente europeu ter começado a se “agostinizar” (Hamman, 1990), o que lhe garantiu a condição de não ser apenas mais um pensador na história da Igreja Católica.

Santo Agostinho é uma autoridade para os doutores da Idade Média. É, sobretudo, essencial para a teologia dos doutores franciscanos. Até mesmo os teólogos orientais, após o Cisma do Oriente³⁴, embora tão relutantes em relação às obras de escritores latinos, fizeram uma exceção para Santo Agostinho, também considerado por eles como uma autoridade.

A conversão de Santo Agostinho representa não só a conversão de um indivíduo “pagão” ao cristianismo, mas também de uma Era pagã para uma Era cristã.

Referências:

- AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (os Pensadores).
- AGOSTINHO, S. *Doutrina Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- AGOSTINHO, S. *A Predestinação dos Santos*. São Paulo: Paulus, 1999. (Patrística, 13).
- AGOSTINHO, S. *A Verdadeira Religião*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- ALTANER, B. *Patrología*. Madrid: Espasa-Calpe, 1962.
- DANIEL-ROPS [H. P.]. *A Igreja dos tempos bárbaros*. São Paulo: Quadrante, 1991.
- FRANGIOTTI, R. “Introdução”. *Ambrósio de Milão*. São Paulo: Paulus, 1996. (Patrística, 5).
- FRÖHLICH, R. *Curso básico de História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1987.
- GILSON, É. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HAMMAN, A. *Os Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- MARROU, H-I. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: E.P.U.-Edusp, 1974.
- MORESCHINI, C.; NORELLI, E. *História da literatura cristã antiga grega e latina* (II - do Concílio de Nicéia ao início da Idade Média). Tomo II. São Paulo: Loyola, 2000.
- NUNES, R. A. da C. *História da Educação na Antigüidade Cristã* (O pensamento educacional dos mestres e escritores cristãos no fim do mundo antigo). São Paulo: Edusp, 1978.
- PEREIRA MELO, J. J. Elaboração da Enkyklios Paidéia Cristã. In: JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS - TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO, 2., 2002, Maringá. *Anais...* Maringá: UEM, 2003. p. 54-60.
- PORTO, H.; SCHLESINGER, H. *Geografia universal das religiões*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- SANTOS, J. O.; PINA, A. A. de. “Notas”. *Santo Agostinho*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (os Pensadores).
- SCIACCA, M. F. *O essencial de Santo Agostinho*. Tradução, adaptação e comentários de José Beluci Caporalini. Maringá: [s.n.], 2003.

Received on February 28, 2003.

Accepted on October 30, 2003.

³⁴ Cisma ocorrido no Império bizantino, ano de 1054, quando a Igreja bizantina, chefiada pelo patriarca Miguel Cerilário, rompeu como a Igreja de Roma e negou a autoridade papal, surgindo a Igreja Ortodoxa.